



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de comemoração do Dia do Pescador – sanção das leis da  
pesca e aquicultura e de criação do Ministério da Pesca e Aquicultura**

**Itajaí-SC, 26 de junho de 2009**

Companheiros e companheiras de Santa Catarina,  
Companheiros e companheiras de Itajaí e região,  
Meu caro amigo governador do estado de Santa Catarina, Luiz Henrique  
da Silveira,

Companheiros ministros que me acompanham – e daqui vamos até o  
Rio Grande do Sul – Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia; Jorge Félix, do  
Gabinete de Segurança Institucional; Franklin Martins, da Secretaria de  
Comunicação Social; e nosso querido companheiro Gregolin, ministro da  
Pesca,

Meu querido companheiro, ex-secretário da Pesca, o companheiro Fritz,  
companheiro que está aqui hoje e que merece a homenagem do governo e,  
certamente, a homenagem do povo de Santa Catarina pelo que ele fez no  
tempo em que esteve no Ministério,

Companheira senadora Ideli Salvatti e companheiro senador Neuto  
Fausto de Conto,

Deputados federais Acélio Casagrande, Celso Maldaner, Cláudio  
Vignatti, Décio Lima, Flávio Bezerra, Iriny Lopes, João Matos, José Carlos  
Vieira, José Edmar, José Geraldo da Silva, Nelson Goetten e Paulo Rocha,

Senhor Jandir Bellini, prefeito de Itajaí,  
Vice-almirante Arthur Pires Ramos, comandante do 5º Distrito Naval,  
Vereador Luiz Carlos Pissetti, presidente da Câmara de Vereadores de  
Itajaí,

Meu caro Agnaldo Hilton dos Santos, secretário municipal de Pesca e



Aquicultura,

Meu caro Eurides Mescolotto, presidente da Eletrosul,

Meu caro Fernando Ferreira, presidente do Conselho Nacional de Aquicultura e Pesca, em nome de quem eu saúdo todos os que são envolvidos com a aquicultura,

Senhor Ivo da Silva, presidente da Confederação Nacional de Pescadores e Aquicultores, em nome de quem cumprimento todos os pescadores e pescadoras aqui presentes,

Meu caro André Camargo, presidente da Associação Nacional de Piscicultura em Águas Públicas, em cujo nome saúdo os empresários do setor pesqueiro,

Meu caro Abdias Gonçalves (incompreensível),

Meus amigos, minhas amigas,

Vocês perceberam que, pelo nome dos deputados, vocês não conhecem grande parte dos nomes, porque aqui não tem apenas deputados de Santa Catarina. Aqui tem deputado do Pará, do Paraná, do Ceará e de outros estados do Brasil porque foi esta bancada, esta bancada de deputados mais os senadores que ajudou a aprovar o Ministério e que ajudou a aprovar a Lei da Pesca. Portanto, para eles, uma salva de palmas porque de vez em quando a gente ouve muitas críticas aos deputados, mas se for colocar na balança as coisas ruins e as coisas boas, certamente as coisas boas que eles ajudaram o governo são infinitamente maiores do que qualquer outra coisa que tenha acontecido no Congresso Nacional.

Eu queria, primeiro, dizer para vocês do porquê é importante o dia de hoje. Eu, às vezes, quando estavam falando os oradores que me antecederam, eu tinha a impressão de que o som, lá para o meio, parece que não chega tão nítido, porque aqui do lado eu não estava escutando nada. Eu até mandei arrumar a caixa de retorno aqui, porque não tem nada pior do que você ficar



atrás de um cara que está falando e você não conseguir entender uma palavra do que ele fala, principalmente se ele tiver a língua presa como alguns têm, e eu mesmo, que a gente tem dificuldade de as pessoas entenderem.

Mas, o que é importante? A Lei é importante pelo seguinte: a partir da nova lei, os pescadores e aquicultores passam a ser considerados produtores rurais, o que dará direito a eles ao crédito rural, entre outros benefícios. As empresas de beneficiamento, transformação e industrialização de pescados também poderão se beneficiar dessas linhas de crédito, desde que comprem a matéria-prima diretamente dos pescadores ou de suas cooperativas. Ou seja, o grande empresário, para ter direito, tem que comprar o pescado dos pescadores artesanais e das cooperativas, que é para ajudar o setor a crescer junto com a indústria de pesca no Brasil. Serão unificadas as normas de exceção da área da União para o cultivo de pescados, o que dará agilidade ao processo sem prejuízo das análises ambientais.

Outro ponto importante: a nova lei reconhece como trabalhadoras da pesca... Prestem atenção: a nova lei reconhece como trabalhadoras da pesca as mulheres que desempenham atividades complementares à pesca artesanal. Por exemplo, uma mulher que conserta redes, que faz beneficiamento e comercialização da produção, mesmo que ela não esteja pescando, ela será considerada pescadora pela lei, para ter os mesmos direitos dos pescadores.

Outra coisa importante: vocês sabem que nós criamos o Pronaf Mais Alimentos. Governador, são R\$ 25 bilhões para emprestar para a agricultura familiar comprar tratores de 78 cavalos e para comprar implementos agrícolas. Não basta só o trator, é preciso a complementariedade das máquinas que vão plantar as coisas que o agricultor planta. Nós estamos estendendo essa linha de crédito para os pescadores e aquicultores. O financiamento é de até R\$ 100 mil, com prazo de 10 anos para pagar, sendo três anos de carência e taxa de juros a 2% ao ano. Esse programa já fez uma revolução na venda de tratores. Em 10 meses foram vendidos 11 mil tratores de 78 cavalos, e isso significa



75% da produção de tratores no Brasil, nesses 10 meses. O que nós esperamos é que o pessoal da pesca que precisa comprar um barco, que precisa fazer alguma coisa até R\$ 100 mil para poder aumentar a sua produção, ele vai ter o mesmo direito que os agricultores da agricultura familiar com o Programa Mais Alimentos.

Eu vou ler aqui. Para os pescadores, para os pescadores não aquicultores. Para os pescadores o dinheiro será para aquisição de redes, tarrafas, pulsar, além da modernização e reforma de embarcação. O que inclui melhoria das condições de manipulação e conservação do pescado a bordo e melhoria das condições de saúde e segurança do trabalhador. Para os aquicultores será a mesma coisa, aquisição de redes, tanques-rede, kit de análise de água, materiais para estrutura de abastecimento e drenagem de viveiros, aluguel de máquinas para construção de viveiros e mão-de-obra, aquisição de matrizes para o primeiro ciclo de produção.

Pois bem. É importante vocês saberem que agora depende muito do Ministério, depende muito do prefeito de cada cidade, depende muito das associações de pescadores, das colônias, dos sindicatos comunicarem a vocês os efeitos dessa lei. Porque o que pode acontecer de pior é a gente aprovar a lei e daqui a dez anos os pescadores não saberem o que diz a lei. Então é importante Gregolin uma ampla campanha de divulgação dessa lei, de orientação aos sindicatos, de orientação às colônias, de orientação às pescadoras, às mulheres dos pescadores, aos filhos dos pescadores, aos pais dos pescadores, até chegar ao nosso pescador símbolo ali, que parece que ultimamente não tem pescado nenhuma tainha mais, aqui em Santa Catarina.

Por que eu estou falando isto gente? Eu estou falando isto porque não tem coisa mais triste do que a gente brigar, disponibilizar dinheiro para alguma coisa e quando passa três, quatro meses, cinco meses, seis meses a gente percebe que aquela coisa que a gente colocou dinheiro, não aconteceu. E não acontece por “n” fatores. É que no Brasil hoje, tem mais gente para não permitir



que faça do que gente para fazer. Esse é um dado concreto do nosso país.

Luiz Henrique, você é governador, já foi prefeito três vezes, e é governador de segundo mandato. Estão aqui senadores e deputados, e eu também fui deputado. A verdade é que o Brasil passou quase 30 anos sem dinheiro para investimento e, na hora em que você não tinha dinheiro para investimento, você foi destruindo a máquina de execução do País. A máquina de execução foi destruída e nós, lá do Congresso – e eu fiz parte porque fui constituinte – fomos criando uma grande máquina de fiscalização. Hoje a máquina de fiscalização é muito mais eficiente do que a máquina de execução, por uma razão: porque quando se estabeleceu, neste país, a teoria do Estado mínimo, de que era preciso privatizar tudo, de que o Estado não precisava fazer nada – a educação universitária tinha que ser privada, a escola técnica tinha que ser privada, a Petrobras não valia nada, a Vale do Rio Doce não valia nada – na hora em que predominou essa teoria, o Estado foi desmontado e se criou uma indústria de fiscalização poderosa. É só ver – e os senadores e deputados, que são responsáveis pelo Tribunal de Contas, porque ele trabalha para o Senado e para a Câmara – quanto ganha um engenheiro do Dnit para fazer uma estrada e quanto ganha um auditor do Tribunal de Contas para fiscalizar a estrada que o engenheiro vai fazer. É só ver quanto ganha um advogado de um ministério e ver quanto ganha um advogado de outras coisas da Federação.

Então, este país foi construído para não funcionar, ele foi construído para não funcionar. Vocês estão lembrados que, no primeiro mandato, no segundo mandato eu disse: é preciso a gente destravar este país, é preciso a gente destravar. É preciso que a gente encontre um jeito de permitir que as coisas aconteçam neste país, para que a gente possa anunciar uma obra e ela acontecer. Hoje a gente anuncia uma obra, até conseguir licença ambiental demora, às vezes, meses ou anos, e não é por conta de ministro ou de secretário do Ibama, não. É por conta da legislação que nós fizemos. Depois



que a gente consegue, a gente entra em licitação. Uma empresa ganha, as outras perdem. As que perdem, entram com processo contra as que ganham. Aí fica mais um ano no Poder Judiciário. Quando está tudo resolvido, o Tribunal de Contas entende que houve sobrepreço, para mais um ano. Quando está tudo resolvido, o Ministério Público entende que tem alguma coisa errada – é mais um ano. Ou seja, você toma posse, ganha o governo, e você não consegue inaugurar uma obra estruturante neste país, porque as exigências para você fazer a obra... é quase que impossível de você completá-las. Às vezes são anos brigando na justiça. Às vezes para-se uma obra porque tem um sapo ou porque tem um peixe. Aqui, em Santa Catarina, vocês sabem o trabalho que nós tivemos para levar a energia elétrica à Ilha, a dificuldade para passar um cabo no fundo do mar, a dificuldade para levar as torres. Uma obra que você poderia fazer em oito meses, você demora às vezes três anos, quatro anos, cinco anos, e as pessoas não se dão conta de quanto custa para o Estado uma obra paralisada. As pessoas não se dão conta quanto custa para o Estado uma obra paralisada.

Esta semana, Luiz Henrique, eu estava conversando com o meu ministro do Meio Ambiente e eu disse para ele: eu quero que você vá a Santa Catarina conversar com o Governador para ver se a gente resolve aquele caso secular daquela rodovia que leva o povo até o aeroporto. Porque ela foi feita uma parte e tem uma parte que está paralisada desde o tempo em que eu era oposição neste país, desde o tempo em que eu era dirigente sindical. Então não é possível, alguma coisa tem que fazer, alguma coisa tem que fazer. E eu pedi para que ele viesse aqui conversar contigo para ver que solução nós temos que encontrar para fazer aquela estrada chegar ao aeroporto e permitir que as pessoas tenham mais mobilidade. Ou faz uma via expressa, ou faz alguma coisa, ou nós damos dez mangues de presente em qualquer área do Brasil. Mas alguma coisa tem que ser feita para que a gente possa concluir aquela ponte.



Bem, eu não vim aqui para falar isso que eu falei. Isso que eu falei, na verdade, foi um desabafo, porque o Prefeito na sua fala falou da questão do porto e falou da questão da via expressa. E eu gostaria que entre nós prevalecesse apenas o compromisso da verdade, da mais absoluta verdade e somente a verdade. Porque senão... Está chegando a época da campanha e, quando chega a época da campanha, começam a aparecer alguns picaretas neste país querendo fazer de coisa séria um trampolim para a campanha. E não é possível a gente permitir isso. O companheiro Luiz Henrique e mais 26 governadores deste Estado, o prefeito de Itajaí e mais quase 6 mil prefeitos deste país sabem que nesses quase sete anos de governo, eu nunca deixei de fazer uma coisa porque o prefeito não era do meu partido ou porque o governador não era do meu partido. Eu nunca perguntei a um prefeito a que partido que ele pertence, e nunca perguntei a um governador o partido que ele pertence. O que vale para fazer uma coisa é saber, primeiro, se a obra é necessária, segundo, se tem projeto para a gente poder concluir essa obra.

Vocês sabem do esforço... e todo mundo aqui que tem experiência política e, sobretudo, o governador, que em nenhum momento da história deste país o governo agiu com a rapidez que agiu, para tentar resolver o problema das enchentes de Santa Catarina. Às vezes, levava quatro ou cinco anos para que o pedido de um governador fosse atendido. Nós viemos aqui várias vezes, alguns ministros, inclusive do partido do governador, tiveram dedicação aqui, para que a gente pudesse agir rapidamente.

Acontece que não é possível, nem no Brasil, nem na China, nem nos Estados Unidos, a gente resolver com a mesma rapidez que uma catástrofe destrói as coisas que foram destruídas. Todo mundo sabe que para destruir é muito fácil. Esse prédio aqui, levou quantos anos para construir, Luiz Henrique? Dois anos. Hoje, se a gente quiser destruir ele, destrói em dois minutos, mas levou dois anos para ser construído.

Itajaí era uma cidade que estava construída há muito tempo, aqueles



morros estavam ali há milhares de anos. De repente, Deus se zangou com alguma coisa, fez chover demais e fez com que áreas, inclusive, que estavam preservadas, desmoronassem. A gente não pode fazer a casa se não tiver um lugar escolhido adequadamente para a gente tirar, primeiro, as pessoas da enchente, depois a gente não fazer no mesmo morro, é preciso escolher um outro lugar, porque senão a gente vai cometer o mesmo erro.

Eu fui ao Piauí agora. A parte alagada é uma várzea, como aqui. Aqui, a cidade é quase que uma várzea. A cidade está quase no nível do mar e no nível do rio. É assim que o povo quis morar há 100 anos, há 200 anos. E eu não sei qual é a paixão do povo em morar perto do rio. Mas, no mundo inteiro, o povo adora morar perto do rio.

Pois bem, nós temos que saber que toda vez que chover demais, que a água transbordar, vai encher em algum lugar. Todo mundo sabe, aqui e em qualquer lugar do mundo, toda vez que chover, as pessoas que moram no mesmo nível do rio, e o rio transbordar, vai ter problema de água.

Vocês vejam agora, em Manaus. Você viu na televisão, Manaus, como é que está? Manaus, a enchente de hoje é a maior da história de Manaus, que já tinha tido. A maior é 1953. Hoje em uma parte de Manaus ninguém anda de carro, ninguém anda... é só de barco, é só de canoa. Como eles estão habituados, eles sofrem menos do que uma pessoa que nunca teve enchente e pega uma enchente. Eu estou dizendo isso, Prefeito, porque na questão da via expressa, a primeira intenção nossa foi passar para a Prefeitura administrar a via expressa. Depois, teve problema de a Prefeitura não poder fazer. Nós puxamos outra vez para o Dnit, e o Dnit agora está terminando o projeto. Em setembro estará pronto o projeto, será feita a licitação e nós esperamos concluir a via expressa ainda em 2010. Essa é a informação que eu tenho das pessoas que coordenam o PAC.

Com relação ao porto, a expressa portuária (incompreensível). A outra coisa é a questão da dragagem. Ou seja, eu tentei falar com o Ministro agora,





ele me deu umas informações por telefone, que eu vou verificar. Ele disse que a primeira dragagem de emergência do rio, retirada de detritos, já está concluída. Me disseram aqui que tem mais coisas para fazer no rio. Ele manda observar o seguinte: a dragagem de aprofundamento está dentro do cronograma e vai lançar o edital agora. E disse que está construindo os dois canais. Me disseram que também, me parece que está paralisada a obra dos canais.

A verdade é o seguinte... já faz quantos meses, Luiz Henrique? Já faz seis meses? Já faz mais de seis meses que eu vim aqui e coloquei R\$ 350 milhões para a gente recuperar esse porto. Não é pela minha cara ou pela cara do Governador, é porque esse porto é muito importante para esta cidade, para o estado e para o país, e nós queremos que este porto esteja funcionando. Portanto, Luiz Henrique, eu vou chegar em Brasília, eu vou conversar com a Dilma porque eu estou viajando para a Líbia na segunda-feira, eu vou a uma reunião de todos os países africanos, e vou pedir para a Dilma, se for o caso te convidar para ir em Brasília, para a gente sentar e ver o que está faltando para fazer nessa obra, porque não é possível, eu já estava pensando que eu vinha aqui inaugurar e ela ainda tem problemas aqui. É preciso saber o que está acontecendo para que a gente possa fazer o dinheiro público, que está disponibilizado, gerar emprego e renda, que é o que nós mais desejamos.

Por fim, eu queria dizer para vocês que essa semana, esse é o terceiro fato importante que acontece na minha vida. Eu vou dar um número para vocês, porque é tão gratificante, que eu não posso deixar de falar. Segunda-feira eu fui a uma cidade chamada Congonhinhas acender a luz na casa número dois milhões e quarenta mil, ou seja, do programa Luz para Todos. E vocês sabem que quem nunca morou com candeeiro não sabe o que é a falta de energia. O cara, quando está aqui, que falta luz dez minutos, ele já xinga o governo, o presidente, o governador, o prefeito, já briga com a mãe, já briga com o pai. Agora, imaginem o cara que no século XXI, em 2010, ainda não



tinha visto uma luz elétrica, a não ser a da cidade. Pois bem, nós já atendemos, desde 2004, 10 milhões de pessoas.

O que é importante é que nós fizemos uma pesquisa com 3.600 famílias que receberam o Luz para Todos. Das famílias que receberam o programa Luz para Todos, 83% compraram televisão; 79% compraram geladeira e 47% compraram aparelho de som. Significa que depois que nós colocamos o Luz para Todos, as pessoas compraram 1,57 milhão televisores, 1,49 milhão geladeiras e 894 mil aparelhos de som. Esse número é, para mim, extraordinário. Ontem eu fiz uma reunião com todo o comércio varejista e o pessoal ficou de boca aberta. E para mim, só tem um significado: dê uma oportunidade a um pobre, ou dê um centavo, que ele faz aquele centavo produzir mais do que um rico faz produzir R\$ 1 milhão. Dê um centavo àqueles que nunca tiveram, para ver a capacidade de transformação que eles têm.

Uma coisa importante, Luiz Henrique, que me aconteceu ontem. Você, que conheceu muito o pessoal da Contag. Ontem nós assinamos um acordo histórico. Trabalhadores cortadores de cana e empresários assinaram um tratado com 18 conquistas para os trabalhadores, a serem colocadas em nível nacional, ou seja, água gelada para os cortadores de cana, comida quente para os cortadores de cana, banheiro para os cortadores de cana, formação profissional para os cortadores de cana. E é um acordo por adesão. Ontem foi a assinatura. Vocês sabem quantos empresários aderiram, no primeiro dia? Trezentos e três usineiros, que representam 88% de toda a produção de etanol e de açúcar no Brasil, assinaram o acordo com a Contag e com a Fetraf. Eu fiquei orgulhoso, fiquei orgulhoso porque um acordo como esse é uma tábua de salvação para o debate que o Brasil tem que fazer com o mundo desenvolvido, que andou dizendo no ano passado que a falta de alimentos no Brasil era por conta da cana-de-açúcar. E nós agora vamos poder provar para eles... ah, e que tinha trabalho escravo no Brasil, na cana-de-açúcar. Eu perguntei para um governante, que me disse que tinha trabalho escravo aqui no Brasil, eu



perguntei: o corte de cana realmente é um trabalho rude, é um trabalho pesado, mas é menos pesado do que as minas de carvão que enriqueceram o teu país. Trabalhar em uma mina de carvão é infinitamente pior do que trabalhar cortando cana. Eu já descí, em Criciúma, a 90 metros de profundidade, eu já fui lá ver explodir dinamites. Não sou um mineiro, mas já me colocaram para furar o teto de uma mina, e eu sei que inferno que é a gente trabalhar em uma mina de carvão. E no corte de cana é bem melhor do que aquilo, embora seja um trabalho muito penoso. Então, é um acordo histórico que eu anunciei na OIT, na semana passada, quando eu fui a Genebra.

Hoje, o terceiro fato extraordinário é este, de estar aqui consagrando o Ministério da Pesca. Ora, tem muita gente que fala: “Criar mais um Ministério vai gerar mais cabide de empregos”. Na verdade, é que as pessoas que comem peixe, na cidade, só querem saber se o peixe está fresco e se ele é barato. A gente nunca para para perguntar o sofrimento que o pescador, para ir buscar aquele peixe, horas e horas (incompreensível). A gente nunca para para conversar com ele: “meu filho, quanto tempo você demorou?” Às vezes, ele vai para o meio da água e fica um dia inteiro para pegar um ou dois peixinhos. E a gente vai lá e fala: “Quero um peixe fresco”. “Custa R\$ 2”. “Mas está muito caro...” A gente não sabe o calo que tem na mão do companheiro que pegou o remo e foi até lá, a gente não sabe que aquele peixinho que era para dar de comida para o filho do pescador, ele vende para levar uma outra coisinha diferente para casa.

É por isso que nós queremos dar ao pescador brasileiro a cidadania que outras categorias profissionais já conquistaram, ao longo da história do Brasil. Nós queremos mais pescadores neste país, e mais pescadores vivendo dignamente, mais pescadores tendo o mesmo direito que outros trabalhadores. Se o Ministério não fosse Ministério, ele ficava subordinado à Casa Civil da Presidência da República, e tudo o que ele precisasse ele tinha que ir lá pedir.



Um Ministério tem mais autonomia. No próximo orçamento, o Ministério vai ter mais orçamento e a gente vai poder cuidar melhor do pescador brasileiro, porque nós precisamos triplicar, quadruplicar a pesca neste país, não só porque é uma comida saudável e nós precisamos reeducar o nosso povo também a comer peixe, mas porque também não é possível que um país como o Chile ou como o Peru, que são menores do ponto de vista da costa marítima, pesque três, quatro vezes mais do que o Brasil. Nós queremos pescar não só em alto-mar – por isso nós temos que ter uma boa indústria da pesca -, como nós queremos fortalecer a aquicultura neste país. Ficam os lagos dessas represas o tempo inteiro juntando água para o sol beber, e os pescadores do lado, morrendo de fome porque não podem pescar. Agora, já tem a decisão do Conama, agora o Gregolin vai poder colocar tanque e rede para que os trabalhadores e sua família possam cuidar da sua família com mais dignidade e com mais respeito.

Por isso, companheiros e companheiras, eu comecei a semana bem e parece que vou terminá-la melhor. Lamentei porque o Internacional perdeu ontem do LDU, de 1 x 0; feliz porque o Corinthians... o Brasil ganhou de 1 x 0 da África; mais feliz estarei quando o Corinthians ganhar na 4ª feira do Internacional, pela Copa Brasil. Lá no Rio Grande do Sul eu não posso dizer isso, porque eu sou torcedor do Internacional. Então, lá eu tenho que fazer a média, e para fazer a média eu tenho que dizer que eu quero empate. Eu amo tanto o Corinthians e o Internacional, que eu quero empate, porque o empate desclassifica o Internacional e classifica o Corinthians, mas ninguém perde com isso.

Então, eu quero dizer que eu termino a semana aqui em Santa Catarina de forma muito grata. Eu acho que Deus está olhando um pouco para este país. As coisas estão acontecendo, aquelas aves de mau agouro que ficaram torcendo para as coisas não darem certo não sabem o que falar, não sabem. E a gente tem muita preocupação quando as pessoas não sabem o que falar. Eu



estava dizendo ao Prefeito que é preciso tomar muito cuidado. Se a gente permitir misturar coisa séria com a política do dia-a-dia, que é uma das razões pelas quais este país é atrasado, a gente não dá um salto de qualidade que nós temos que dar neste país.

Por isso, meus companheiros e companheiras pescadores, pescadoras, empresários, empresárias, convidados, queridos companheiros de Itajaí, da região, queridos companheiros que vieram de outros estados aqui: obrigado por ter aprovado esta lei, obrigado por ter aprovado o Ministério, obrigado porque vocês passam a fazer, junto com os pescadores, junto com os empresários e junto comigo... daqui a 30 anos alguém vai escrever e dizer quem foi que deu status de gente e cidadania aos pescadores brasileiros, e vão lembrar que foram vocês e eu que fizemos isso.

Que Deus abençoe todo mundo. Boa sorte e bom trabalho daqui para a frente.

(\$211A)